

Meu Lugar na UFRGS

Fora do mapa

“Eu costumo dizer que tenho 11 meses de férias e um de trabalho, que é o meu mês (oficial) de férias.” É assim que, sorrindo, Osvaldo Arboit, o Osvaldinho, descreve o que faz. São 37 anos operando os transmissores da Rádio da Universidade. Como ele mesmo brinca: é mais tempo de UFRGS do que de casamento.

Todos os dias, Osvaldinho se desloca de Guaíba, onde mora, para Eldorado do Sul, local em que ficam os transmissores e a antena que levam aos fiéis ouvintes da AM 1.080 sua variada programação: do jornalismo experimental dos alunos aos clássicos da música de concerto, sua marca registrada. Apesar da curta distância entre a Rádio, que fica no Câmpus Centro, e sua torre de transmissão, os dois lugares pouco têm em comum. Em uma viagem de apenas vinte minutos, a euforia do movimentado centro de Porto Alegre é deixada para trás, dando lugar à tranquilidade daquilo que mais se parece com um pequeno sítio. Sua localização é imprecisa: para chegar lá, é preciso perguntar a quem já conhece. Mesmo próximo a uma das mais importantes rodovias federais do Estado, a BR-290, o silêncio da natureza prevalece. E é isso que faz Osvaldinho querer ficar. “Aqui no mato, longe da bagunça, a gente foge do padrão, tem que ser um pouco diferente. São coisinhas pequenas, coisas simples a serem feitas. Eu só vou a Porto Alegre quando sou obrigado”, ele ri. E ressalta: “É um lugar simples, tranquilo, mas, sem isso aqui, a nossa rádio não conseguiria ir para o ar. Se o transmissor estiver fora do ar, esquece”.

Além da pequena casa onde ficam os transmissores, do lado de fora, um pouco mais afastada, alta e imponente, está a antena. É fascinante, mas perto dela

ninguém chega. “Colocou a mão, já era, não tem volta. É o que diz o nosso engenheiro. Eu é que não vou tirar prova”, ri Osvaldinho. E nem é preciso chegar tão longe: encostar-se no aparelho que aciona a antena também pode ser fatal. Reza a lenda que já houve uma vítima: “Vocês estão vendo aquele risco na parede, do lado da bobina, que vai até ali em cima? Uma cobra que entrou no verão. Subiu e encostou a cabeça na bobina. Torrou, literalmente”, revela Osvaldinho, com tranquilidade.

Depois de tantos anos de serviço (e nenhuma refeição no RU), hoje Osvaldinho se diz fiscal, ou seja, supervisiona o trabalho dos outros operadores – que, aliás, foram todos treinados por ele. “A primeira orientação é: não sabe o que fazer, tira do ar e me chama. Não interessa se é dia, noite, fim de semana. Me comunica. É melhor do que tentar fazer alguma coisa e estragar o equipamento, que é caríssimo. A gente vai com calma, olha, analisa, e vambora”, afirma, contundente. Feliz com sua equipe, não economiza elogios aos colegas. Patrícia da Silva, responsável pela limpeza, nas palavras dele, é “fora de série, foi a nossa salvação”. Já o operador Doreni Antônio Fortes, o Toninho, é seu amigo de longa data. Entre boas histórias e brincadeiras, o clima é de descontração. “Aqui, o nosso tratamento é assim: somos uma família”, reforça Osvaldinho.

Se a torre de transmissão da rádio tivesse um rosto, seria o de Osvaldinho. Contudo, ciente da sua singularidade, ele prefere o mistério: “Não vai divulgar onde é, que depois todo mundo vai querer vir para cá”.

Natalia Henkin,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Um botânico no asfalto



GUSTAVO DIEHL/SECOM

O porto-alegrense Sérgio Leite sempre morou entre prédios e sobre o asfalto. Seus pais não tinham tanto contato com a natureza, mas esta foi uma paixão que esteve sempre com ele. “Eu traduzo essa minha relação com a natureza onde eu moro: é uma casa que, para os vizinhos, é um jardim mal cuidado, mas, para mim, é um jardim ecológico”, ressalva. Confessa que sempre gostou de estar em contato com plantas, mas que sua paixão foi reforçada na adolescência. “Nas minhas férias, eu ia para uma fazenda. Eu pedia para ir para lá. Foi uma das melhores experiências da minha vida”, diz.

Com graduação em Agronomia pela UFRGS e mestrado em Ecologia pela Universidade de Brasília (UnB), o professor de Botânica brinca que foi “adotado pelos biólogos”. Não contém o sorriso quando perguntado sobre sua relação com os alunos: “A minha motivação na Universidade é dar aula”. E conta que prefere as aulas práticas para “colocar o aluno em contato com a natureza e fazê-lo pensar”. “O resto é lucro”, complementa. Ele lembra que não pensava em ser professor até surgir a oportunidade de dar aulas na Universidade. Por não ter um curso de licenciatura, confessa que aprendeu a ensinar com seus antigos professores. “Eu não tinha me programado para ser professor, mas encontrei minha vocação”, reitera.

Relembra que, no começo de sua carreira como professor, sua timidez atrapalhou um pouco. “Se os alunos não batiam em mim, já estava bom”, brinca. Porém, ao caminhar pelo Câmpus do Vale, o professor se mostra

uma pessoa muito popular entre os estudantes. Ele estava mostrando sua sala e uma aluna o parou para lhe dar uma carteira personalizada – com árvores, animais e sua imagem no meio da natureza. Depois, um longo abraço. “Até me caiu os botões do bolso”, gargalha. O professor lembra a brincadeira de um amigo seu que diz que ele parece “tronco de árvore em uma enchente”, pois sempre vai interrompendo suas caminhadas para conversar com alunos e colegas.

Esse carinho todo que recebe pode estar atribuído a suas atitudes em sala de aula. “Abro mão do poder de professor, da minha autoridade, em favor de uma relação mais autêntica, mais aberta”, relata. Considera-se um homem do diálogo e conta que em uma de suas aulas surgiu uma discussão entre veganos e não veganos na qual interviu para que o consenso prevalecesse.

“Eu já podia ter me aposentado, pois já tenho 35 anos de carreira, mas acredito que tenho mais uma missão aqui.” Sua relação de afeto com a comunidade acadêmica é notável. Caminhando pelo departamento de Botânica, faz questão de apresentar cada um que trabalha com ele: “Essa é a Camila, ela já foi minha aluna e agora é minha colega. Mas também é minha amiga”.

Hesita um pouco para falar de sua infância, um ato involuntário que demonstra um pouco a timidez em falar de si. “Fui muito amado pelos meus pais”, diz com nostalgia. Filho de pais adotivos – a mãe foi professora de ensino fundamental, e o, pai advogado –, conta que sempre

teve uma ótima relação com eles. Ainda assim, foi à procura de seus pais biológicos. “Eu encontrei um monte de irmãos, tanto por parte do meu pai quanto por parte da minha mãe, e hoje eu convivo com meus irmãos biológicos e com minha irmã adotiva. Minha família se ampliou.”

Quando está fora da Universidade, é um ávido leitor. “Procuro estar muito atualizado com a realidade, mas sou um cara pouco virtual. Leio a imprensa tradicional, a imprensa escrita”, complementa. E, quando o assunto é meio ambiente, diz que consegue perceber uma preocupação maior das pessoas em relação à preservação, mas ainda assim levanta uma questão: “Eu tenho muita preocupação em viver no mundo urbano com essas tecnologias”.

O professor não se cansa de falar que se sente bem na UFRGS e sorri ao dizer que, nas férias, fica “meio desasado”. Ele reitera o quão importante é sua relação com a comunidade acadêmica para exercer sua profissão. Ainda, revela que sua vida pessoal está diretamente ligada à vida profissional e conta que certa vez estava concentrado e perdeu o último ônibus. “Trabalhei até umas 2h da manhã e depois dormi no chão da minha sala”, lembra. O professor é, ao mesmo tempo, um homem tímido que se torna professor e um menino que cresceu na capital e se tornou botânico. E sintetiza: “Sérgio Leite é um cara que está tentando se encontrar”.

Karoline Costa,
estudante do 3.º semestre
de Jornalismo da UFRGS